

A perversão no cotidiano

O estranho na parte obscura de nós mesmos

Ana Rita Nuti Pontes,¹ Ribeirão Preto

Resumo: Descrita por diversos autores como uma passagem da fantasia inconsciente ao ato, a perversão combina sentimentos de vingança, de triunfo e de controle, como meios de defesa contra a experiência emocional do trauma e da impotência. O conceito de perversão é amplamente utilizado em psicanálise na elucidação da dinâmica inconsciente da adição, do abuso sexual, da delinquência, do homicídio, do assédio sexual e até da extorsão. Os conceitos de narcisismo, fetichismo, voyeurismo e sadomasoquismo são úteis para a compreensão da perversão. Em quase tudo o que li sobre perversão, encontrei uma palavra que se repete: *desumanização*, ou seja, perda da essência humana. Este é o ponto importante que se articula com a perversão, pois, o sujeito, em seu estado perverso, desumaniza as pessoas, coisificando-as, ignorando suas qualidades, anulando sua subjetividade e tornando-as apenas metas de seu próprio interesse, envolto no manto da hostilidade e desconsideração com o outro vivo. Refiro-me aos estados perversos, porque acredito que, embora a perversão esteja presente no nosso cotidiano, como analista, entendo que a mente humana se encontra em constante trânsito e oscilação. Gostaria de me ater aos aspectos perversos da mente humana, para pensar o trânsito emocional que acontece quando o ser humano não pode ser humano, quando o ser que desumaniza o outro se encontra com ele mesmo desumanizado dentro de si.

Palavras-chave: fantasia inconsciente, relação de objeto, narcisismo, desumanização, distorção da realidade

Freud escreveu em *Por que a guerra?* (Carta endereçada ao físico Alberto Einstein em 1932):

1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro efetivo com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Se a disposição para a guerra for um produto da pulsão de destruição, o mais fácil será apelar para o antagonista desta pulsão, para o Eros. Tudo o que estabelecer laços afetivos entre os homens deve atuar contra a guerra. Estes laços podem ser de dois tipos. Primeiro, os vínculos análogos aos que nos ligam ao objeto do amor, embora sem objetivos sexuais. A psicanálise não precisa de se envergonhar, quando aqui fala de amor, pois a religião diz o mesmo: “Ama o teu próximo como a ti mesmo”. Isto é fácil de exigir, mas difícil de realizar. O outro tipo de laço afetivo é o que se leva a cabo por identificação. Tudo o que estabelece importantes elementos comuns entre os homens desperta tais sentimentos de comunidade, identificações. Neles se baseia, em grande parte, a estrutura da sociedade humana. (Freud, 1932/2017)

Início, portanto, esta apresentação falando primeiro do que humaniza, que são os vínculos que se estabelecem por meio de Eros, o amor, dos vínculos L e K (Bion) que despertam o desejo de conhecer, aprender e se interessar pelo outro, com empatia e compaixão, para a manutenção e expansão da vida. A teoria das relações objetais e o estudo das posições esquizoparanoide e depressiva alude para o desenvolvimento do psiquismo humano e enfatiza, ainda mais, a importância da capacidade do amor para a real condição do sujeito se humanizar e se apropriar de um sentido para sua existência. A conjunção do instinto de vida aliado à posição depressiva ajuda a pessoa, por meio do desenvolvimento de sua capacidade de pensar, reconhecer os efeitos de sua violência e agressividade e se humanizar. Se isso não acontece, abre-se a oportunidade para infinitas formas da perversão, isto é, para um tipo de uso do objeto (Winnicott, 1975), quando o objeto é tratado apenas como uma coisa, sem consideração e sem ética, em que a realização do prazer acontece pelo triunfo sobre o outro e vai além do prazer sexual.

Quando recorremos à etimologia da palavra, encontramos que o termo perversão originou-se do latim *perversio*. Enquanto o adjetivo “perverso” advém de *perversitas* e *perversus*, particípio passado de *pervertere*: retornar, derrubar, inverter, além de erodir, desorganizar cometer extravagâncias (Roudinesco, 2007).

Descrita por diversos autores como uma passagem da fantasia inconsciente ao ato, a perversão combina sentimentos de vingança, de

triunfo e de controle, como meios de defesa contra a experiência do trauma e da impotência. O conceito de perversão é amplamente utilizado em psicanálise na elucidação da dinâmica inconsciente da adição, do abuso sexual, da delinquência, do homicídio, do assédio sexual e até da extorsão. Os conceitos de narcisismo, fetichismo, voyeurismo e sadomasoquismo são úteis para a compreensão da perversão.

Para Stoller a perversão é a forma “erótica da hostilidade” e, do seu ponto de vista, esse aspecto é comum a todas as perversões. Afirma também que a perversão é “uma tomada de controle sobre, e uma vingança contra o trauma original” (2015, p. 52), uma reação contra experiências traumáticas infantis. A essência da perversão é a conversão de um trauma infantil num triunfo adulto (Stoller, 2015).

Khan (1987) refere-se às mães que tratam seus filhos como coisas, de tal modo que produzem no filho um sentimento de não estar vivo, como ser humano, e investiga a perversão nos termos da sua função como um modo da pessoa não usufruir da intimidade com o outro e consigo mesmo. Echegoyen (1978) afirma que a perversão surge como uma defesa contra a loucura. Green (1986) expande as ideias de Freud ao falar sobre a função objetalizante da pulsão de vida e desobjetalizante da pulsão de morte.

Para Meltzer (1979), perversão é um termo adequado para os estados sexuais da mente liderados pela parte destrutiva da sexualidade e o grande gozo é originário da competição invejosa que se compraz em destruir o outro. “Mal seja o meu bem!” é o lema da perversão, em que os impulsos são fundamentalmente anti-natureza e o mundo que se procura construir é o mundo dos sem vida, em que as grandes ansiedades e angústias dos mortais parecem não existir. A qualidade emocional dos estados sexuais sádicos perversos da mente é basicamente maníaca, e a cobiça está voltada para a triunfante eliminação da ansiedade depressiva. A perversidade sádica se caracteriza por estados mentais quando a identidade é capturada pela parte destrutiva do eu e que impede a intimidade amorosa necessária para uma penetração emocional que une e vitaliza o funcionamento psíquico.

Em quase tudo o que li sobre perversão, encontrei uma palavra que se repete: *desumanização*, ou seja, perda da essência humana. Esse é

o ponto importante que se articula com a perversão, pois, o sujeito em seu estado perverso desumaniza as pessoas, coisificando-as, ignorando suas qualidades, anulando sua subjetividade e tornando-as apenas metas de seu próprio interesse envolto no manto da hostilidade e desconsideração com o outro vivo.

Refiro-me aos estados perversos, porque acredito que, embora a perversão esteja presente no nosso cotidiano, como analista, entendo que a mente humana encontra-se em constante trânsito e oscilação. Gostaria de me ater durante esta fala aos aspectos perversos da mente humana, para pensar o trânsito emocional que acontece quando o ser humano não pode ser humano, quando o ser que desumaniza o outro se encontra com ele mesmo desumanizado dentro de si. Miguel Marques em seu brilhante artigo “A perversão nossa de cada dia” (2007), inicia seus escritos com uma instigante pergunta: “Frente a uma ação perversa, quais são as chances de nos mantermos mentalmente vivos e presentes psiquicamente?” (2007, p. 149).

A ação perversa, entendo eu, é a intenção de desumanização, a não consideração pela condição humana, minha e a do outro. Entendo, reiterando mais uma vez, que se desconsidero a existência do outro, desconsidero também o humano dentro de mim. Por isso a articulação entre sadismo e perversão está sempre presente. E se o sadismo está sempre acompanhado pelo seu oposto, a perversão e o sadomasoquismo são conjunções constantes que negam, então, a intimidade, a subjetividade, o caráter humano.

O humano precisa do outro humano para saber que é humano. A intimidade é a condição que se cria, entre duas mentes em que o humano se revela, e desabrocha. Desumanizar a outra pessoa evita o risco de intimidade. Para aqueles que não temem a dissolução de sua subjetividade, a intimidade é uma alegria. Para os que a temem, há uma ameaça ainda mais primitiva, pois se a pessoa se abre e se funde com outro, se aterroriza com o risco de perder-se dela mesma.

Assim, apesar de aparente busca de intimidade e consideração, o que realmente acontece é um modo de estar com o outro, em que o objetivo é a manutenção de controle da situação pelo sujeito, sem que ele jamais consiga se entregar à experiência emocional compartilhada.

Em outras palavras, a perversão pode também ser pensada como a sexualização da evitação da mutualidade, da intimidade a dois (Khan, 1987). Como nos relacionamentos virtuais, por exemplo. Parece que é real, parece que tenho intimidade com o outro, só que não.

Portanto, podemos pensar na perversão também como uma defesa que impede o relacionamento baseado no respeito, pela alteridade, pela apreciação da existência do outro.

Mas não somente. Se olharmos para o que nos diz Elisabeth Roudinesco, em “A parte obscura de nós mesmos”, quando afirma que:

A perversão é um fenômeno sexual, político, social, físico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas. E questiona: O que faríamos se não mais pudéssemos designar como bodes expiatórios – ou seja, como perversos – aqueles que aceitam traduzir por seus atos estranhos as tendências inconfessáveis que nos habitam e que recalcamos? (2007, p. 15)

Como faríamos sem a possibilidade para projetar o perverso, sentido como o estranho que vive em cada um de nós? Em outras palavras, há uma imensa dificuldade de a pessoa entrar em contato com ela mesma, de desenvolver a sua própria intimidade psíquica para saber deste seu estranho familiar, constituído pelo seu lado perverso obscuro e indesejável. A cisão entre o bem e o mal cumpre essa função. Dentro da visão religiosa seria admitir a existência do pecado e do demônio dentro de nós mesmos.

Ainda Roudinesco:

O pervertedor era em primeiro lugar uma criatura dúbia, atormentada pela figura do Diabo, mas ao mesmo tempo habitada por um ideal do bem, que ele não cessava de destruir ... Embora vivamos num mundo em que a ciência ocupou o lugar da autoridade divina, o corpo e da alma, e o desvio do mal, a perversão é sempre, queiramos ou não, sinônimo de perversidade. E, sejam quais forem seus aspectos, ela aponta sempre, como antigamente, mas por meio de novas metamorfoses, para uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo. (2007, p. 7)

Gozo este exercido de forma distorcida, e por isso mesmo perversa, como quando os gays são atacados nas ruas, legisladores discutem leis contra a homofobia e travam um debate sobre as possíveis “causas” das variações sexuais, as minorias são discriminadas, as mulheres maltratadas, ou como os políticos que, candidamente, querem que a população acredite que são todos inocentes, frente a um cenário explicitamente corrupto.

Ou ainda, como a distorção da realidade dos fatos da forma que nos são apresentados, sempre com o objetivo de manipulação da percepção e do pensamento. As *Fake News*, os noticiários que se atêm às notícias mórbidas, violentas, que saturam as mentes das pessoas e as mantêm aprisionadas em um constante estado de pavor, são manobras inescrupulosas para sua manipulação. Uma pessoa amedrontada torna-se um ser humano frágil e facilmente manipulável. Dessa forma, a perversão no cotidiano aparece de forma multifacetada, sempre com o propósito de enganar, infligir o mal, o terror travestido de bem. Em nome de manter seu estado independente, presidentes de vários países instauram uma guerra civil, em nome da preservação da economia que obviamente serve para poucos, o povo se empobrece, em nome da honra da filha, o pai a humilha e se autoriza a cuidar violentamente da sua sexualidade, e por aí afora.

É importante salientar que a distorção do pensamento e das intenções faz parte da constelação da perversão. E, como o perverso nos habita, existe sempre a possibilidade do encontro com a parte obscura de nós mesmos.

Portanto, a psicanálise nos ajuda a entender, a fazermos uma leitura do micro para o macro quando nos vemos diante dessas situações de distorção da realidade, violência e horror. A psicanálise oferece ferramentas para o sujeito se apropriar de sua capacidade para pensar, discriminar e se relacionar diretamente com a sua realidade interna, com seus demônios enganadores, travestidos de anjos. Talvez assim, de posse de alguma verdade, alimento fundamental para a mente, o indivíduo possa, de modo humanizado, suportar sua real condição de existência e proteger-se do canto da sereia.

Voltando a Freud, quando menciona o “Ama o próximo como a ti mesmo”, amar pode ter a significação de conhecer. Conhecer e admitir o perverso que habita em cada um nós é um ato humano, demasiadamente humano.

La Perversión en la vida cotidiana: el extraño en la parte oscura de nosotros mismos

Resumen: Descrita por varios autores como un pasaje de la fantasía inconsciente al acto, la perversión combina sentimientos de venganza, triunfo y control, como medio de defensa contra la experiencia emocional del trauma y la impotencia. El concepto de perversión es ampliamente utilizado en psicoanálisis para dilucidar las dinámicas inconscientes de la adicción, el abuso sexual, la delincuencia, el homicidio, el acoso sexual e incluso la extorsión. Los conceptos de narcisismo, fetichismo, voyerismo y sadomasoquismo son útiles para entender la perversión. En casi todo lo que leí sobre perversión, encontré una palabra que se repite: deshumanización, es decir, pérdida de la esencia humana. Este es el punto importante que se articula con la perversión, porque el sujeto, en su estado perverso, deshumaniza a las personas, cosificándolas, ignorando sus cualidades, anulando su subjetividad y convirtiéndolas en meros objetivos de su propio interés, envuelto en el manto de la hostilidad y desprecio por el otro vivo. Me refiero a los estados perversos, porque creo que, aunque la perversión está presente en nuestra vida cotidiana, como analista entiendo que la mente humana está en constante movimiento y oscilación. Me gustaría ceñirme a los aspectos perversos de la mente humana, pensar en el tránsito emocional que ocurre cuando el ser humano no puede ser humano, cuando el ser que deshumaniza al otro se encuentra deshumanizado en sí mismo.

Palabras clave: fantasía inconsciente, relación de objeto, narcisismo, deshumanización, distorsión de la realidad

The Perversion in daily life: the stranger in the obscure part of ourselves

Abstract: Described by several authors as a transition from an unconscious fantasy to the act, the perversion combines feelings of revenge, triumph and control, as a means of defense against the emotional experience of trauma and powerlessness. The concept of perversion is widely used in psychoanalysis to elucidate the unconscious dynamic of addiction, sexual abuse, delinquency, homicide, sexual harassment and even extortion. The concepts of narcissism, fetishism, voyeurism and sadomasochism are useful for

understanding perversion. In almost everything I read about perversion, I found a word constantly repeated: *dehumanization*, that is, loss of human essence. This is the important point that articulates with perversion, since the subject, in his perverse state, dehumanizes people, objectifying them, ignoring their qualities, nullifying their subjectivity and making them just goals of his own interest, shrouded in the cloak of hostility and disregard for the other human being. I refer to the perverse states because I believe that, although perversion is present in our daily routine, as an analyst I understand the human mind is in constant motion and oscillation. I would like to focus on the perverse aspects of the mind, in order to think about the emotional transit that happens when the human being cannot be human, when the being who dehumanizes the other finds himself dehumanized inwardly. Keywords: unconscious fantasy, object relation, narcissism, dehumanization, reality distortion

Referências

- Bonasia, E. (2003). Contratransferência: erótica, erotizada, perversa. *Livro anual de Psicanálise*, 17, 41-54. Escuta.
- Etchegoyen, R. H. (1978). Some thoughts on transference perversion. *Int. J. Psycho-Anal.*, 59, 45-53.
- Green, A. (1986). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In D. Widlöcher (Org.), *A pulsão de morte* (pp. 57-68). Escuta.
- Freud, S. (2017). *Porque a guerra? Reflexões sobre o destino do mundo. Freud e Einstein*. Edições 70. (Trabalho original publicado em 1932)
- Khan, M. M. R. (1969). Role of the “collated internal object” in perversion-formations. *Int. J. Psycho-Anal.*, 50, 555-565.
- Khan, M. M. R. (1987). *Alienación en las perversiones*. Nueva Visión.
- Marques, M. A. Perversão nossa de cada dia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(2), 149-167.
- Meltzer, D. (1979). *Estados sexuais da mente*. Imago.
- Pajaczkowska, C. (2000). *Perversão*. Almedina.
- Roudinesco, E. (2007). *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Zahar.
- Stoller, R. J. (2015). *Perversão: a forma erótica do ódio*. Hedra.
- Winnicott, D. W. (1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Imago.

Ana Rita Nuti Pontes
anarnpontes@gmail.com